

RESENHA

Da caricatura à caracterização: o bolsonarismo pela etnografia textual de João Cezar de Castro Rocha

From caricature to characterization: the bolsonarismo by the textual ethnography of João Cezar de Castro Rocha

Lara Abreu Cruz¹

1. Doutoranda em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará (PPGS-UECE). Mestre em Políticas Públicas e Sociedade (MAPPS-UECE). Assistente Social (UECE). Pesquisadora do Laboratório de Direitos Humanos, Cidadania e Ética (LABVIDA-UECE). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5716-491X>. profa.laraabreu@gmail.com

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra Cultural e retórica do ódio**: crônicas de um Brasil pós-político. Goiânia: Caminhos, 2021.

Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente (AGAMBEN, 2009, p. 62-63).

Em ensaio publicado em 2009, pela editora catarinense Argos, o filósofo italiano Giorgio Agamben apresenta algumas reflexões sobre o tempo e suas fraturas, na tentativa de compreender o que é o contemporâneo. Para o

autor, a contemporaneidade é como o céu da noite em sua imensa escuridão; alguns, apenas verão o escuro, outros entenderão que por trás dessa escuridão há milhares de galáxias remotas em expansão. Por isso, para Agamben (2009), contemporâneos são raros, pois conseguem ver além daquilo que está posto diante dos seus olhos. Ser contemporâneo é antes de tudo ter coragem para manter os olhos fixos no escuro da época em que se vive e perceber nessa escuridão uma luz que se dirige até nós, ao mesmo tempo que parece se distanciar de nós mesmos (AGAMBEN, 2009).

Nesse sentido, “Guerra Cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político” é um livro de coragem. Seu autor, João Cezar de Castro Rocha, é um desses contemporâneos, raros, que com os olhos muito atentos às trevas da cena política contemporânea no Brasil, busca mais do que respostas e entendimentos; busca soluções. Assim como para Carlos Drummond de Andrade (2005), o tempo para Rocha (2021) é sua matéria, “o tempo presente, os homens presentes, a vida presente”, logo em “Guerra Cultural e Retórica do ódio”, o autor busca entender o atual fenômeno de ascensão do bolsonarismo, enquanto expressão da extrema-direita no Brasil. Seus objetivos são duplos: arrumar as peças do tabuleiro bolsonarista, de modo a passar da caricatura à caracterização da sua lógica interna; e, propor conceitos que ajudem a esclarecer o verdadeiro desafio que é superar esse fenômeno.

Apresentado ao leitor como um ensaio, “ensaio modesto - muito modesto” (p. 8), “Guerra Cultural e Retórica do Ódio” não tem nada de desprezioso. Rocha (2021) constrói um texto de intervenção, ao afirmar que seu intuito é “convencer o público leitor da grave ameaça representada pelo bolsonarismo à democracia em seu sentido mais primário, isto é, o direito à diferença” (p. 5). No mesmo parágrafo, o autor se diz movido por uma convicção ética profunda “que vê no outro não um adversário, um inimigo a ser hostilizado e, no limite, eliminado, mas um outro eu, com quem posso aprender e, sobretudo, preciso dialogar” (p. 5). Acredita que a partir do momento em que conversamos com a sociedade sobre o bolsonarismo, há a possibilidade de substituirmos a retórica do ódio pela ética do diálogo.

O diálogo é, pois, um recurso muito utilizado pelo autor na estruturação textual da sua obra. À medida que percorremos as páginas do livro nos

deparamos com o diálogo tecido pelo autor com suas próprias argumentações; são comentários, advertências, conclusões, algumas vezes parece que somos espectadores de colóquios entre o autor e sua consciência. O mesmo recurso é utilizado para inserir a voz de bolsonaristas no texto. Eles também estão presentes, questionam, duvidam dos argumentos do autor e defendem arduamente o que seu mestre falou.

Outro elemento de destaque na produção textual de Rocha (2021) é o desenvolvimento de uma linguagem acadêmico-literária própria. O autor inova ao encontrar na intertextualidade poética, literária, teatral e musical uma forma de deixar um trabalho com uma temática que envolve tanta animosidade social, um pouco mais leve. Rocha (2021) utiliza-se de todo seu conhecimento acumulado por anos dedicados a estudos sobre literatura brasileira e literatura comparada, dos quais obteve um mestrado, dois doutorados e dois pós-doutorados, para nos mostrar como a literatura e a música traduzem o social¹. Ao longo do livro nos deparamos com uma infinidade de escritores brasileiros, como Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Euclides da Cunha, Machado de Assis e tantos outros; além dos britânicos William Shakespeare e Joseph Conrad; o americano Edgar Allan Poe; os portugueses Fernando Pessoa e du Bocage; o colombiano Gabriel Garcia Marques; o romeno Eugène Ionesco; e o irlandês William Buttler Yeats. Em termos musicais, o gosto de Rocha (2021) parece bastante eclético, pois é possível encontrar no livro referências que transitam de Zeca Pagodinho ao rap do Racionais MC, passando pelo samba de Ary Barroso, o rock de Raul Seixas, a bossa de Jobim

1. João Cezar de Castro Rocha é professor titular de literatura comparada da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Possui graduação em História, mestrado e doutorado em Letras pela mesma instituição. Em 2002 concluiu um segundo doutorado, em Literatura Comparada, pela Stanford University. Em 2005-2006 realizou pós-doutorado na Freie Universität, Berlim. Em 2014, realizou novo pós-doutorado na Princeton University. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira e Literatura Comparada, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura brasileira, literatura comparada, cultura brasileira, crítica literária, teoria literária, dependência cultural e estratégias de apropriação cultural (antropofagia e transculturación). Conforme informações extraídas do *lattes* do autor. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/2996791931732673>.

e a MPB de Milton, Chico e Ney.

Suas “crônicas de um Brasil pós-político” extrapolam o âmbito do gênero literário que busca unir a literatura ao jornalismo. O autor realiza um trabalho metodológico de grande fôlego com a análise de um amplo material cultural e intelectual produzido pela direita e pela extrema-direita no Brasil, tais como: discursos, postagens em redes sociais, palestras, documentários, vídeos reproduzidos no YouTube, cursos, livros e artigos escritos por bolsonaristas e simpatizantes. Dentre esses materiais, o autor analisa a obra “ORVIL”, produzida durante o período de redemocratização pelo Exército Brasileiro; a trilogia olavista composta por “A nova era e a revolução cultural” (1994), “O jardim das aflições” (1995) e “O imbecil coletivo” (1996); documentários produzidos pela produtora de audiovisuais Brasil Paralelo; dois ensaios memorialísticos de Pedro Sette-Câmara, um depoimento de Martim Vasques da Cunha para a Revista Piauí e o relato de Joel Pinheiro da Fonseca para a Revista Café Colombo; além do RAP de Luiz, o Visitante, a música gospel de Talita Caldas; o heavy metal do grupo REAC e a marchinha de carnaval de Luiz Trevisani e Eder Borges.

Diante do amplo material coletado, o autor delimita um espaço para a produção acadêmica sobre o assunto - as notas - enquanto o corpo do texto fica para seu trabalho de análise desses materiais. Para dar conta dessa análise, Rocha (2021) desenvolveu um método próprio, denominado “etnografia textual”, o qual busca “descrever, de forma a mais acurada que conseguir, a lógica interna da mentalidade bolsonarista” (p. 18). Através da sua “etnografia textual”, Rocha (2021) busca “situar-se” (GEERTZ, 1989) na produção cultural e intelectual bolsonarista, de modo a identificar elementos que lhes são em comum, que linguagem utilizam, de onde ela vem e qual o sentido da sua reprodução. É assim que a afirmativa “passar da caricatura à caracterização” vai se repetindo ao longo dos capítulos, quase como um mantra, a lembrar autor e leitores dos objetivos do livro, ou seja, trazer à tona os elementos que caracterizam o bolsonarismo, afinal, “colocar as ideias em ordem é uma forma de reação” (p. 321).

Publicado em 27 de fevereiro de 2021, primeiramente no formato *e-book* com 441 páginas e, posteriormente, no formato brochura com 464 páginas, pela editora goiana Caminhos, “Guerra Cultural e Retórica do Ódio” está composto

por nove seções, sendo: Apresentação; Introdução; Capítulo 1 – A ascensão da direita e o sistema de crenças Olavo de Carvalho; Capítulo 2 – A Guerra Cultural bolsonaristas; Capítulo 3 – Doutrina de Segurança Nacional / ORVIL; Capítulo 4 – Rumo à Estação Brasília; Conclusão – Dissonância cognitiva e verdade factual; Post-Scriptum 2021 – O que será o amanhã?; e, por fim, um Posfácio de autoria de Claudio Ribeiro².

Uma característica em comum entre os quatro capítulos do livro é que todos possuem um último subcapítulo intitulado por “Coda”, termo utilizado entre musicistas para indicar a seção final de uma composição, servindo de conclusão. Na obra, Rocha (2021) utiliza-se dos subcapítulos “Coda” com a mesma intenção dos musicistas, arrematar o capítulo, mas também introduzir as discussões que se encontram nos capítulos posteriores.

O livro se inicia com o autor apresentando a premissa que orientará toda a sua produção teórica: “Respeitar o resultado das urnas é um dever tão importante quanto é inalienável o direito de disputar eleições e de expressar suas convicções” (p. 5). Com isso, o autor nos mostra que não pretende questionar a vitória de Jair Messias Bolsonaro no pleito de 2018 para a Presidência da República, pois aceita que sua vitória principiou de forma legítima e isso é incontestável, mesmo que não concorde com uma agenda política baseada na usurpação dos direitos trabalhistas, na distorção dos direitos humanos, na negação de uma pandemia e de problemas ambientais e no flerte com posições autoritárias. Aceitar sua vitória é, segundo o autor, uma condição *sine qua non* do processo democrático, mas não significa dizer que não se busque respostas para entender como Bolsonaro conseguiu chegar à Presidência da República com uma agenda de “propósitos em geral inconfessáveis” (p. 5)? Como Bolsonaro superou a caricatura de político reacionário para se tornar o “mito”, o “messias”, um *outsider* diante da imagem tradicional do político brasileiro vestido em corrupção?

Sobre isso, o autor defende uma ideia diferente dos estudos acerca do

2. Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (PPGH/UFG). Escreve ensaios para o blog “Estado da Arte”, do jornal O estado de São Paulo. Sócio da Editora Caminhos.

tema. Acredita que o bolsonarismo não possibilitou o triunfo eleitoral da direita, mas o contrário, foi a ascensão paulatina da direita que preparou a vitória eleitoral de Jair Messias Bolsonaro nas eleições de 2018. Assim, o autor acredita que a compreensão da reorganização da direita na Nova República é chave para o entendimento da ascensão do bolsonarismo e da guerra cultural que este fenômeno promove. Desse modo, Rocha (2021), fazendo uso do seu ofício original de historiador, nos apresenta uma cronologia da reorganização da direita conservadora no país, mostrando a construção de uma rede imbricada de elementos que culminaram para a vitória de um representante da direita conservadora.

Seu minucioso trabalho de resgate histórico de mecanismos ditatoriais, como a Doutrina de Segurança Nacional; as Leis de Segurança Nacional de 1967, 1969 e 1978; o livro “ORVIL” e o desenho de uma cronologia da reorganização da direita no país nos mostra mais uma vez que estamos diante de um autor que se faz contemporâneo à luz da concepção *agambiana*, pois, para o filósofo italiano, ser contemporâneo é também ter a capacidade de dividir e interpolar o tempo, estar “à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com outros tempos, de ler nele de modo inédito a história, de ‘citá-la’ segundo uma necessidade que não provém de maneira nenhuma do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder” (p. 72). Em “Guerra Cultural e Retórica do Ódio”, Rocha (2021) nos mostra como o passado se faz presente e como, através dessa interpolação temporal, podemos pensar o futuro.

Em seu trabalho de construção de uma cronologia da reorganização da direita no Brasil, Rocha (2021) acredita que o ponto originário está em meados dos anos 1980, durante o período de redemocratização, a partir de um movimento subterrâneo iniciado na caserna, através da produção do “ORVIL”, um livro-vingança, escrito durante três anos, entre 1985 e 1988, por agentes do Centro de Informações do Exército (CIE), para fazer um contraponto à obra “Brasil: Nunca Mais”, a qual comprovava que as Forças Armadas brasileiras fizeram uso da tortura como política de Estado.

O ORVIL apresenta uma narrativa que casa perfeitamente com a Doutrina de Segurança Nacional (DSN) e a sua concretização em terras brasileiras por

meio da Lei de Segurança Nacional de 1969, ao defender a existência de uma tomada de poder, em 1974, por parte dos comunistas que se infiltraram nas instituições vinculadas à cultura, educação, entretenimento e imprensa. Logo, a tarefa de governar é secundária, pois a necessidade imediata é destruir instituições “aparelhadas” por grupos comunistas. É assim que o ORVIL, utilizando-se da ideia de “inimigo externo” da DSN e sua torção hermenêutica promovida pela ditadura militar como “inimigo interno” define o comunismo como o inimigo a ser combatido e eliminado no Brasil.

O autor consegue decifrar, por meio de uma análise da trajetória militar de Jair Messias Bolsonaro como cadete da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), que durante seu período de formação o Estado brasileiro ainda se encontrava sob tutela da Lei de Segurança Nacional de 1969, a qual teve forte impacto na sua formação militar. É assim que Rocha (2021) conclui que “a mentalidade bolsonarista é a tradução insensata para tempos democráticos da DSN em sua expressão mais violenta, a LSN de 1969” (p. 252), a qual, para o autor, “mais do que um Decreto-Lei, é sobretudo um culto à morte” (p. 252).

O autor ainda nos apresenta como a produtora de audiovisuais Brasil Paralelo, criada em 2016, traduz para o universo do audiovisual a narrativa conspiratória contida no ORVIL, aprimorando a visão revisionista da história e contribuindo para que um analfabetismo ideológico e uma idiotia erudita dominem o cenário cultural e intelectual brasileiro. Assim, o autor conclui que o ORVIL, livro de cabeceira da família Bolsonaro, é o documento-chave para entendermos a narrativa de permanente “ameaça comunista” que fortalece o discurso da extrema-direita, alimenta fantasias autoritárias e justifica toda forma de violência.

Com a chegada dos anos 1990, a reorganização da direita se adensa com a presença do autoproclamado filósofo Olavo de Carvalho. Segundo Rocha (2021), essa presença pode ser vista como “positiva”, pois o dito filósofo “contribuiu decisivamente para o fortalecimento da musculatura intelectual da direita” (p. 48), desenvolvendo uma linguagem (a retórica do ódio) e uma visão de mundo (baseada em teorias conspiratórias) que lhes são próprias e dão coesão e resistência atualmente à direita. Rocha (2021) acredita que Olavo sofisticou

o conteúdo conspiratório presente no ORVIL dando-lhe ares filosóficos, porém, para o autor, o dito “filósofo” não produziu nenhuma filosofia, pois sua produção teórica não possui densidade para isso, mas conseguiu produzir um sistema de crenças, do qual, quando internalizado, torna-se imune a contestações.

É inegável o esforço de Rocha (2021) para caracterizar o que ele denomina por “sistema de crenças Olavo de Carvalho”, a fim de que possamos superar a caricatura virulenta e agressiva que Olavo de Carvalho imprime nas redes sociais, pois “se não entendermos o [seu] propósito, como [poderemos] desarmá-lo?” (p. 293). Com isso, ao longo dos quatro capítulos de “Guerra Cultural e Retórica do Ódio”, Rocha (2021) vai apresentando ao leitor os diversos elementos que caracterizam a prosa olavista, tais como: autoritarismo gráfico, expresso pelo uso de letras maiúsculas na composição das palavras escritas; anticomunismo genérico cuja solução é a intervenção militar, a qual, segundo o autor, “é a forma bolsonarista de ‘proteger’ a democracia” (p. 39); falácias argumentativas; e palavra-puxa-palavrão. Além disso, o autor consegue identificar algumas palavras-chave do discurso olavista, a saber: “esquerdismo, globalismo, analfabetismo funcional, Nova Ordem Mundial, maçonaria, desonestidade intelectual, gramscismo, ideologia de gênero, PT e PSDB como duplos miméticos que cooperam para a vitória comunista no Brasil” (p. 40 e 41).

Rocha (2021) também percebe que o núcleo da discussão olavista gira em torno da elaboração de teorias conspiratórias e de um anti-intelectualismo. Olavo defende a existência de um projeto de dominação política, da qual Fritjof Capra e Antonio Gramsci fazem parte de uma rede cujo objetivo é realizar uma metamorfose completa da humanidade. Olavo acredita que Capra e Gramsci dominam hoje o Foro de São Paulo e lança a ideia de militantes-delatores do PT em diversas instituições da administração pública, formando uma pequena KGB. Seu anti-intelectualismo parte da ideia de uma elite intelectual alienada, mas para Rocha (2021) trata-se, na verdade, de um ressentimento que Olavo de Carvalho nutre de uma intelectualidade que nunca o levou a sério, afinal como afirma Maria Rita Kehl: “ao [se] deparar com sua infelicidade (ou, no mínimo, com a mediocridade de sua vida), o ressentido há de tentar culpar alguém”³.

3. KEHL, Maria Rita. O ressentimento chegou ao poder? Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/2020/01/o-ressentimento-chegou-ao-poder-por-maria-rita-kehl/>. Acesso: 30/06/2021.

Assim, é que, segundo Rocha (2021), Olavo “inventa, a fórceps, e se necessário com letras garrafais, um círculo intelectual para chamar de seu” (p. 70).

O autor, então conclui, que a prosa olavista é na verdade baseada em uma técnica de retórica, da qual nomeia por “retórica do ódio”, pois o objetivo de todo e qualquer diálogo é reduzir o outro ao papel de um inimigo a ser eliminado. Rocha (2021) identifica dois procedimentos que caracterizam a retórica do ódio: a desqualificação nulificadora e a hipérbole descaracterizadora. A primeira pretende reduzir o adversário ideológico a um nada, procedendo assim uma completa desumanização daquele que não lhe é espelho. Nesse procedimento, pode-se utilizar da desqualificação do adversário, através de joguetes paródicos com seu nome⁴; da estigmatização do outro na caricatura de um comunista bolorento e, finalmente, na sua eliminação simbólica. O segundo procedimento é a hipérbole descaracterizadora, em que se faz uso de alguns termos generalistas e redundantes, como “completo”, “inteiro”, “em massa”, para imprimir um caráter autoritário ao discurso, não deixando espaço para argumentações, pois quando se fala em “sociedade inteira” não se deixa margem para a existência de um outro.

Segundo Rocha (2021), o resultado da retórica do ódio olavista é um caos cognitivo, composto pela disseminação de um analfabetismo ideológico e de uma idiotia erudita. Segundo o autor, o analfabeto ideológico não é o analfabeto funcional, pois seu problema não é de ordem cognitiva, mas ideológica. O analfabeto ideológico projeta no outro suas próprias convicções sobre o mundo. “Tudo se transforma em pretexto para a reiteração de suas crenças” (p. 188). Já a idiotia erudita é resultado da multiplicação de dados e informações no universo digital e, especialmente, nas redes sociais, sem nenhum tipo de processamento ou reflexão. Trata-se de uma mescla mal assimilada de dados que contribuem para a formulação de narrativas revisionistas da história, a dispersão de teorias conspiratórias e a indiferenciação entre fato e rumor.

O ano de 2002 foi, conforme o autor, responsável por um recrudescimento da direita, devido à vitória eleitoral do Partido dos Trabalhadores (PT). Nesse ponto, o autor defende que as quatro eleições presidenciais vencidas pelo PT,

4. O autor cita como exemplo o nome do filósofo Mario Sérgio Cortela que nesse joguete paródico se transforma em Mario Sérgio *Costela*.

abriram a possibilidade para que a juventude entendesse que ser de oposição significava ser da direita, fazendo surgir, assim, a imagem do “conservador revolucionário”. O autor também nos mostra que a emergência da juventude de direita foi acompanhada pelo advento do universo digital, sabendo aproveitar-se desse universo tanto para o seu aprendizado, especialmente com a miríade de vídeos disponibilizados por Olavo de Carvalho na internet, como para engajamento via redes sociais. Segundo o autor, sem o ativismo digital as manifestações de junho de 2013 não teriam ocorrido ou, talvez, sua repercussão teria sido menor.

Por fim, segundo o autor, a vitória de Dilma Rousseff, em 2011, e no ano seguinte a instauração da Comissão da Verdade dão o combustível que faltava para que a direita, finalmente, saísse do armário, como nos termos utilizados por Messenberg (2017) em seu estudo sobre a cosmovisão bolsonarista. É nessa atmosfera que Jair Messias Bolsonaro vai ganhando o apoio do Exército Brasileiro ao se mostrar um forte opositor das atividades realizadas pela Comissão da Verdade. No entanto, para Rocha (2021), somente o apoio do Exército Brasileiro não seria suficiente para eleger Bolsonaro Presidente da República. Foi sua adesão a agenda conservadora, sobretudo evangélica, contrária a uma imaginária “ideologia de gênero” e a um “marxismo cultural” que aparelha as instituições estatais que deu o passo decisivo para sua vitória.

É nesse sentido que Rocha (2021) nos mostra como as Jornadas de Junho de 2013, iniciadas com manifestações preocupadas com questões sociais e aos poucos pulverizadas “numa constelação de protestos, ódios e ressentimentos” (p. 322), fortemente alimentados pelo ativismo judicial promovido pela Operação Lava Jato, encontram no sentimento antissistêmico o centro de uma pólis pós-política, em que se “recusa da mediação institucional na organização da pólis, ao mesmo tempo em que a política se torna a paixão do dia-a-dia” (p. 337).

Rocha (2021) conclui suas análises afirmando que o bolsonarismo existe e está articulado a uma visão de mundo bélica, expressa em uma linguagem própria, a retórica do ódio olavista. Essa visão de mundo bélica é, essencialmente, orviliana, composta por teorias conspiratórias que advogam na eliminação de tudo aquilo que não lhe é espelho. Para o autor, o bolsonarismo, enquanto política

de governo, contribui para a difusão de uma guerra cultural, pois o Estado está mais preocupado em combater aqueles que são ideologicamente contrários as suas crenças e inventar inimigos em série do que em promover uma agenda construtiva de políticas públicas que consigam dar conta das problemáticas inerentes a nossa sociedade. É assim que o autor defende a sua hipótese de que essa mesma guerra cultural que contribuiu para a eleição de Jair Messias Bolsonaro à Presidência da República, contribuirá para o fim do seu governo.

Finalmente, o autor acredita que a guerra cultural bolsonarista não tem nada de metafórica, ela é a ponta de lança de um projeto autoritário que legitima uma violência simbólica, mas é o prelúdio de uma violência física. Por isso, volta a defender que no plano individual possamos substituir a retórica do ódio pela ética do diálogo e, assim, ver o outro não como um inimigo, mas um outro “cuja diferença enriquece minha vida, ao ampliar meu horizonte” (p. 380).

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ANDRADE, Carlos Drummond de [et. al.]. **O melhor da poesia brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- GEERTZ, Clifford. **Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.
- MESSEMBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Sociedade e Estado [online]**. 2017, v. 32, n. 03 [Acessado 30 Junho 2021], pp. 621-648. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.3203004>>. ISSN 0102-6992. <https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.3203004>.
- ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra Cultural e retórica do ódio**: crônicas de um Brasil pós-político. Goiânia: Caminhos, 2021.

Recebido: 30/06/2021

Aceito: 17/08/2021